

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós – Graduação em Cultura Visual - Mestrado

**ESEFFEGO: IMAGENS DO PIONEIRISMO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM
GOIÂNIA**

Fabiana Alzira Ramos Nascimento

Goiânia/GO

2009

**Termo de Ciência e de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações
Eletrônicas (TEDE) na Biblioteca Digital da UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autora, autorizo à Universidade Federal de Goiás – UFG a disponibilizar gratuitamente através da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD/UFG, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

- 1. Identificação do material bibliográfico:** Dissertação Tese
2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autora:	Fabiana Alzira Ramos Nascimento		
E-mail:	fabialazira@hotmail.com		
Filiação	Mauro de Souza Ramos e Adevanil M. de A. Ramos		
Título	ESEFFEGO: imagens do pioneirismo da Educação Física em Goiânia		
Palavras-chave:	Educação Física, ensino superior, corpo, imagens.		
Título em outra língua:			
Palavras-chave em outra língua:	Physical Education, Superior education, body, images.		
Área de concentração:	Educação e Visualidade		
Número de páginas:	128	Data da defesa:	01/06/2009
Programa de Pós-Graduação:	Cultura Visual		
Orientadora:	Dr^a. Leda Maria de Barros Guimarães		
E-mail: ledafav@gmail.com			
Co-orientador(a):			
E-mail:			
Agência de fomento:		Sigla:	
País:		UF:	
		CNPJ:	

3. Informações de acesso ao documento:

Liberação para publicação?¹ total parcial

Em caso de publicação parcial, assinale as permissões:

Capítulo, especifique: _____

Outras restrições: _____

Havendo concordância com a publicação eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(os) arquivo(s) em formato digital PDF desbloqueado da tese ou dissertação, o qual será bloqueado ante de ser inserido na Biblioteca Digital.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua publicação serão bloqueados através de procedimentos de segurança (criptografia e para não permitir copia e extração de conteúdo) usando o padrão do Acrobat Writer.

_____ **Data:** ___/___/___

Assinatura da autora

¹ Em caso de restrição, esta poderá

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós – Graduação em Cultura Visual - Mestrado

**ESEFFEGO: IMAGENS DO PIONEIRISMO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM
GOIÂNIA**

Fabiana Alzira Ramos Nascimento

Dissertação apresentada à banca Examinadora da
Faculdade de Artes Visuais da Universidade
Federal de Goiás, como exigência parcial para a
obtenção do título de MESTRE EM CULTURA
VISUAL, sob a orientação da prof^a. Dr^a. Leda
Maria de Barros Guimarães

Goiânia/GO

2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(GPT/BC/UFG)

<p>Nascimento, Fabiana Alzira Ramos. N244e ESEFFEGO [manuscrito]: imagens do pioneirismo da educação física em Goiânia / Fabiana Alzira Ramos Nascimento. – 2009. 106f: il., color., figs.</p> <p>Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leda Maria de Barros Guimarães.</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Facul- dade de Artes Visuais, 2009.</p> <p>Bibliografia: f. 102-106.</p> <p>1. Educação física - Ensino superior – Goiânia (GO). 2. Arte e educação. 3. Corpo e imagens. I. Guimarães, Leda Maria de Barros. II. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais III. Título.</p> <p>CDU: 796:378(817.3)</p>

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós – Graduação em Cultura Visual - Mestrado

**ESEFFEGO: IMAGENS DO PIONEIRISMO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM
GOIÂNIA**

Dissertação defendida e aprovada em ____ de _____ de ____

Fabiana Alzira Ramos Nascimento

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Leda Maria de Barros Guimarães

Orientadora e presidente da banca

Professor Dr. Ronaldo Oliveira – (UEL)

Membro Externo

Profº Dr. Raimundo Martins da Silva Filho (FAV/UFG)

Membro Interno

Profª Drª Irene Tourinho

Suplente do Membro Interno

EPÍGRAFE

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, seria como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ainda que eu tenha o dom da profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei. (I Coríntios, 13:1-2)

DEDICATÓRIA

À minha família

AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo Marcus Jary, com o qual inicio a construção de uma nova família, pelo amor e carinho demonstrados em todas as situações.

Aos meus pais Mauro e Adevanil, aos meus irmãos Marcos Aurélio, Adêvania, Hilton, aos meus cunhados e cunhadas: Ademir, Máximo, Walter, Márcia, Markele, Deane, Patrícia e Leandra, aos meus sobrinhos Ruan, Luiz Felipe e Ana Júlia, à minha sogra Ana Antônia.

À minha orientadora, prof^a. Dr^a. Leda Maria de Barros Guimarães, pela inegável contribuição a este trabalho e pela confiança que depositou em mim desde o início.

Aos professores Raimundo Martins, Maurides Macedo, Irene Tourinho, Mirian da Costa, Raquel, pela presença constante e pelo carinho com que, cada qual à sua maneira, contribuíram para que eu pudesse trilhar este novo caminho.

Aos meus professores e colegas do Mestrado em Cultura Visual da FAV/UFG, com os quais compartilhei momentos importantes.

Aos professores ativos e aposentados, funcionários e alunos da ESEFEGO, pelo grande auxílio dado a esta pesquisa.

Às minhas alunas do grupo de Ginástica Feminina, que também dividiram comigo os momentos felizes e aflitivos que sempre acompanham a elaboração de uma dissertação.

A todos os meus demais amigos pelo apoio constante.

RESUMO

Este trabalho busca discutir quais as concepções de corpo dos alunos egressos da primeira turma de formandos da ESEFFEGO e que papel exerceram posteriormente, já como professores da instituição, na caracterização da Educação Física goianiense durante a década de 1960. Assim sendo, levando em consideração que os procedimentos metodológicos desta pesquisa privilegiaram os sistemas de sentidos e significados dos participantes da investigação, interessou-me também compreender as seguintes questões: quais elementos simbólicos compunham as concepções de corpo dos informantes desta pesquisa? Como as concepções de corpo dos alunos egressos da primeira turma se articulavam com os ideários de homem e de sociedade que sustentaram a cidade de Goiânia durante a década de 1960? De que forma as concepções e práticas desses alunos consubstanciaram a Educação Física como campo de conhecimento no ensino superior em Goiás? Espera-se, como resultado desta pesquisa dar visibilidade à construção de um ideário de corpo encontrado no curso de Educação Física na ESEFFEGO e as suas inter-relações com o contexto cultural e social da história do ensino superior na cidade de Goiânia.

Palavras-chave: Educação Física, ensino superior, ideário de corpo, imagens.

ABSTRACT

This study aims to discuss which the body conceptions from egress students of the first graduation class from ESEFFEGO are and what role these newly graduated students had in the characterization of the Physical Education in Goiania during the 1960's. Therefore, taking in consideration that the methodological proceedings of this research privileged the senses and meanings systems of the subjects of this investigation, we were also interested in understanding the following questions: which symbolic elements composed the body conceptions of the subjects of this research? And more: how the body conceptions of the egress students from the first graduate class articulated with the conceptions of man and society that sustained the city of Goiania during the 1960's? And in which manner the conceptions and practices of these students consubstantiates the Physical Education as a field of knowledge in the superior education in Goiás? It is expected as result of this research the visibility of the construction of the body conceptions found in the Physical Education in ESEFFEGO and its inter-relations with the cultural and social context in the history of the superior education in the city of Goiania.

Key words: Physical Education, Superior education, body ideas, images.

SUMÁRIO

RESUMO.....	08
ABSTRACT.....	09
INTRODUÇÃO	
LUGAR DE ONDE EU FALO – ORIGEM DESSE ESTUDO.....	10
1 ARTESANIA METODOLÓGICA.....	15
2 ESEFFEGO: ESSA HISTÓRIA TEM NOME E ENDEREÇO.....	31
3 EDUCAÇÃO DO CORPO: SAÚDE, HIGIENE, RAÇA E MORAL.....	62
CONCLUSÃO.....	78
CADERNOS DE IMAGENS.....	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116

INTRODUÇÃO

O LUGAR SOBRE O QUAL EU FALO – A ORIGEM DESTE ESTUDO

A apreciação de diferentes imagens e a representação dos diversos corpos sempre me causaram forte influência. Para falar sobre isso, escolhi fazer uma pequena digressão e tecer algumas considerações a respeito de minha trajetória acadêmica até chegar à composição central do corpus desta pesquisa.

Assim, apesar do pequeno desvio, espero possibilitar a identificação do lugar sobre qual eu falo, de onde construo minha investigação, sem a pretensão de fazer um relato biográfico ou escrever uma história de vida.

Martins e Tourinho (2005) dizem que a história vivenciada e que contamos “aprofunda nossas afinidades em termos de questionamentos, preocupações e ideais profissionais e, de maneira mais ampla, nos conecta intersubjetivamente com colegas, professores, investigadores, autores e alunos.” (MARTINS e TOURINHO, 2005, p. 90).

Com base nas narrativas visuais que produzi para a disciplina Teorias da Cultura Visual no mestrado do Programa em Cultura Visual da FAV/UFG, essa atividade me estimulou propor para os alunos da disciplina Fundamentos Metodológico da Ginástica, na qual eu ministro para o primeiro período do curso de Educação Física da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás (ESEFFEGO/UEG)², esse mesmo exercício, a narrativa visual teve como universo de investigação tanto a história da Educação Física no Estado de Goiás quanto a história de vida dos alunos.

² A ESEFFEGO foi criada em 22 de outubro de 1962, abrigando apenas o curso de Educação Física. em 1994, com a criação do curso de Fisioterapia, foi acrescentado mais um “F” ao nome da instituição, que passou a ser grafado, portanto, como ESEFFEGO. Em 1999, a escola foi incorporada à recém-criada Universidade Estadual de Goiás (UEG), mantendo seu nome. portanto, a depender do período histórico, me reportarei neste trabalho tanto à ESEFFEGO quanto à ESEFFEGO.

Imagem 1



Imagem 1 - Trecho de narrativa apresentados pelos alunos do primeiro período de 2007 do curso de Educação Física.

As fotos que apresento acima, e outras que apareceram nos trabalhos dos alunos, além de me remeter a minha formação anterior a graduação me despertou para outra questão: o ideário de corpo recorrentes encontrado nas narrativas sobre a História da ESEFFEGO, fatos que retratavam certo conceito de corpo que transparecia nas formas arquitetônicas e nos corpos que na sua maioria se encontravam com poucas vestimentas destacando os contornos musculares tanto dos professores como dos alunos.

Por associação mais imediata, a partir dos elementos empíricos do cotidiano da Educação Física na própria ESEFFEGO e na sociedade com um todo, não foi difícil perceber que o *modelo de corpo* recorrente nas narrativas estava presente ainda nos nossos corredores atuais.

Imagem 2



Imagem 2 - Acervo da ESEFFEGO Dec.1960

Portanto, essa foto nos apresenta um fato interessante sobre o convívio social entre a população e o universo acadêmico do curso de Educação Física, o processo educativo que a instituição exercia sobre a cidade, por exemplo, o novo formato de se exercitar o corpo, a partir de novas metodologias de ginástica, pautada nos métodos científicos de ginástica que tinha como origem a Europa do século XIX, sobre esse assunto discutirei melhor no segundo capítulo, esse fato esse confirmava o motivo principal que se os idealizadores da Escola Superior de Educação Física de Goiás contraíram-na. Diante dessas observações feitas na pesquisa decidi buscar na história da ESEFFEGO fatos fizessem refletir melhor o passado no presente encontrado nas narrativas orais e visuais.

Para além do carácter investigativo característica do trabalho, acrescentei a essa proposta de construção de uma narrativa visual algumas experiências, tais como: 1) a aula sobre os métodos europeus de ginástica ministrada, no primeiro semestre de 2007, pelo hoje professor aposentado da ESEFFEGO Joaquim Rezende; 2) a leitura dos livros Raízes européias e Brasil, Corpo e Cultura, ambos escritos por Carmem Soares (2001); 3) visitas ao Museu Pedro Ludovico Teixeira; 4) visita à exposição Lavras e Louvores (2007), organizada pelo Museu Antropológico da UFG.

Na ocasião, iniciei um diálogo com os alunos sobre o espaço acadêmico, encarando a universidade da seguinte forma:

estejam bem preparados para interagir em contextos culturalmente plurais e híbridos; para reconhecer as instâncias ideológicas de dominação que determinadas formas culturais exercem umas sobre as outras; e para identificar como “construções” estéticas e pedagógicas, todas elas valorativas, são transmitidas como totalidades. Os jogos estéticos e pedagógicos são centrais no ensino de artes. (GUIMARÃES, 2005, p.115)

Apesar de a autora centrar suas reflexões na formação de profissionais de Artes Visuais, acredito ser possível aproveitar suas idéias no contexto da formação de professores de Educação Física, naquilo que esses dois profissionais têm em comum: o trato com a cultura, mesmo com objetos diferentes.

A criatividade das narrativas visuais tanto na forma quanto no conteúdo, algo não muito comum para o cotidiano de acadêmicos do primeiro período do curso de Educação Física, já que o conjunto das representações sociais que legitimam a área está fortemente ligada a questões de ordem técnica, e não estética. O episódio levou-me a refletir sobre minha prática pedagógica e sobre certos componentes didáticos utilizados em minhas aulas.

Na apresentação das narrativas, alguns alunos se emocionaram ao se identificar, por meio da construção autônoma e consciente, com a história da Educação Física, além de perceberem os entrelaçamentos entre a história de Goiânia e suas próprias histórias de vida. Nesse sentido, foi singular ter recorrido a um trecho da música Geração Coca-Cola de Renato Russo, para finalizar a sua narrativa: “[...] e nossa história não estará pelo avesso assim sem final feliz; teremos coisas bonitas pra contar; e até lá, vamos viver, temos muito ainda por fazer, não olhe pra trás, apenas começamos, o mundo começa agora [...]”.

Os trabalhos dos alunos me remeteu à minha própria formação acadêmica, pois, desde os tempos de ensino médio, as estruturas metodológicas que fugiam do convencional

promoviam em mim uma aprendizagem mais prazerosa, na medida em que associavam os conhecimentos específicos de cada disciplina com o potencial didático dos espaços da vida pública: cinema, passeios ecológicos, museus, etc.

Essas situações de ensino traziam valiosas experiências estéticas – apesar da forte dose de informalismo com que eram tratadas nas escolas – e foram fundamentais para a composição do meu imaginário cultural e do cabedal de conhecimentos que levei para a minha prática profissional.

A experiência estética aqui desenvolvida não foi um acaso ela tem como função expressar a inter-relação entre vida e educação, o que me leva a pensar em autores como: Paulo Freire (1993) , Antonio Novóia (1995), Goodsson (1995), Boaventura de Sousa Santos (2000), João Batista Freire (1998). quando eles nos fala destas relações, começaremos com a fala de Freire que nos diz;

Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tornamos parte(...). Às vezes, ou quase sempre, lamentavelmente, quando pensamos ou nos perguntamos sobre a nossa trajetória profissional, o centro exclusivo das referências está nos cursos realizados, na formação acadêmica e na experiência vivida na área da profissão. Fica de fora como algo sem importância a nossa presença no mundo. É como se a atividade profissional dos homens e das mulheres não tivesse nada que ver com suas experiências de menino, de jovem, com seus desejos, com seus sonhos, com seu bem-querer no mundo ou com seu desamor à vida. Com sua alegria ou com seu mal-estar na passagem dos dias e dos anos (Freire;1993;79,80)

De outra forma, mas abordando a mesma questão Novoa (1995) nos diz que:

(...) A literatura pedagógica foi invadida por obras e estudos sobre a vida dos professores, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal dos professores; tratase de uma produção heterogênea, de qualidade desigual, mas que teve um mérito indiscutível: recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação. O professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor”. (Nóvia;1995,15,16,17)

Estamos no cerne do processo identitário da profissão docente que, mesmo nos tempos áureos da racionalização e da uniformização, cada um continuou a produzir no mais íntimo da sua maneira de ser professor. Por isso.

(...) A maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino:”Será que a educação do educador não se deve

fazer mais pelo conhecimento de si próprio do que pelo conhecimento da disciplina que ensina?”(Laborit,1992,p.55).

Eis-nos de novo face à pessoa e ao profissional, ao ser e ao ensinar. Aqui estamos eu e a profissão. E as opções que cada um de nós temos ao nos fazermos professores, nos quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa forma de ensinar a nossa identidade docente e de sujeito. È impossível separar o eu profissional do eu pessoal. (Nóvoa;1995,15,16,17)

Dessa forma, entendi ser necessário, a partir dessa inquietação inicial, buscar na história certos fundamentos que ajudem a redescobrir o corpo educado, que é a base do objeto da Educação Física, ampliando o olhar do passado para o presente.

A história da ESEFFEGO começa em 1962, ano em que foi criada. Como a primeira escola de Educação Física do Centro-Oeste, foi pioneira na disseminação das idéias modernas de corpo e indivíduo na região.

Nesse processo de disseminação de uma cultura baseada na modernidade, destaque merecido deve ser dado à primeira turma de professores formados pela instituição, também pioneiros na disseminação de certo ideal de corpo e de educação corporal que ainda tem suas influências na atualidade.

As circunstâncias que até agora descrevi permitem vislumbrar a seguinte problemática: Quais as concepções de corpo dos alunos da primeira turma da ESEFFEGO e que papel esses egressos, atuando como professores, exerceram na caracterização da Educação Física goianiense durante a década de 1960?

A complexidade do problema aqui formulado sugere desdobramentos que me possibilitaram formulação de questões norteadoras do percurso investigativo deste trabalho.

Assim sendo, levando em consideração que os procedimentos metodológicos desta pesquisa privilegiam os sistemas de sentidos e significados dos participantes da investigação, interessei-me também em compreender as seguintes questões: Quais os elementos simbólicos que compunham as concepções de corpo dos informantes desta pesquisa? E mais: como as concepções de corpo dos alunos da primeira turma se articulavam com os ideários de homem e sociedade que o goianiense possuía na década de 1960? De que forma as concepções e práticas desses alunos consubstanciaram a Educação Física como campo de conhecimento no ensino superior em Goiás?

O percurso de continuidade e descontinuidade das concepções de corpo encetadas na Educação Física goianiense. Essa primeira iniciativa também me apresentou a primeira

dúvida: por que entender a história, a história da instituição, e dos professores?

Segundo Castellani Filho (2001), nos momentos de estabilidade não temos porque refletir sobre a história, estamos satisfeitos com o presente e com o consenso social. Todavia, em tempos de instabilidade precisamos visitar e compreender fatos importantes da história, porque o descontentamento com os fatos históricos e sociais do presente, nos inclina a rever o passado com o intuito de resolver os problemas do presente.

A resposta encontrada no autor me acalentou como um bálsamo, pois neste exato momento histórico, em que as novas tecnologias prometem a felicidade do arquétipo perfeito. Pertinente seria neste momento a seguinte reflexão:

O trato com o corpo no interior da medicina tem sido feito a partir dos parâmetros da técnica e da racionalidade que a sustenta, estruturada em todo período da modernidade e que, agora, parece atingir o seu ápice. Pode-se dizer que, atualmente, as pesquisas oriundas das ciências biomédicas têm trabalhado no sentido de projetar o corpo perfeito para uma saúde perfeita (Silva, 2001 p. 53)

Pelo exposto acima, faz-se fundamental revermos nossos conceitos e representações acerca do corpo. No limite, as atuais representações de corpo, com sua ambição de perfeccionismo, têm colocado em risco a própria existência humana.

Imagem 3



Imagem 3 -Foto de Inezil Pena Marinho na praia de Copacabana, Rio de Janeiro (1946) - Capa do livro Marinho (2005)

Desta forma entendi ser necessário, a partir dessa inquietação atual, buscar na história, certos fundamentos que nos ajudem e redescobrir o corpo. Nesta foto o professor do professo Inezil Pena Marinho³ está na tradicional posição do Discóbolo, símbolo da

Educação Física e da ESEFEGO. O Discóbolos é uma famosa estátua do escultor grego Míron - produzida em torno de 455 a.C - que representa um atleta momentos antes de lançar um disco. Esse movimento representa o corpo em seu momento de máxima tensão, esforço, porém, que não é refletido na face do atleta. Outras características dessa posição são a exposição harmoniosa dos músculos e a simetria das proporções corporais perfeitas. Além desses elementos simbólicos presente na imagem o professor Inezil teve uma importante contribuição não só na formação desses professores pioneiros de Goiás mas também pela sua vasta contribuição estética e teórica para consolidação desse campo conceitual no Brasil. Confirmando esse ideário o professor Joaquim Rezende nos fala sobre a sua influência do professor na sua formação.

Ele conhecia tudo sobre a educação física, ele era um pesquisador da área tanto é que o método, ele lançou no Brasil um método a partir da capoeira, foi o Enezil Pena Marinho que lançou o método esse método chamava Educação Física brasileira, só que não pegou porque a influência estrangeira no Brasil é muito forte. Alias, tudo que é estrangeiro é melhor, né? (risos) mais ele conhecia, conhecia a fundo, psicologia, filosofia, sociologia, ele conhecia tudo. Ele era um estudioso e fazia a prática, fazia os exercícios dele e praticava levantamento de pesos, naquela época se chamava levantamento de peso não era musculação. (entrevista concedida pelo Joaquim Rezende, 19/12/2008)

Na tentativa de articular passado e presente, descobri que a história da ESEFFEGO começa anteriormente a sua inauguração que ocorreu no ano de 1963, constituindo-se assim a primeira escola de Educação Física do Centro-Oeste, pioneira portanto na disseminação das ideias modernas de corpo e indivíduo aqui em nossa região. Nesse processo de disseminação de uma cultura baseada na modernidade destaque merecido deve ser dado à primeira turma de professores formados por esta instituição. Estes formandos foram os pioneiros na disseminação de certo ideal de corpo e de educação corporal que ainda tem suas influências na atualidade.

Os estudos referentes às vidas dos professores podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história do seu tempo, permitindo-nos encarar a intersecção da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam ao indivíduo.

“Histórias de vida” das escolas, das disciplinas e da profissão docente proporcionariam um contexto fundamental. A incidência inicial sobre as vidas dos professores reconceptualizaria, por assim dizer, os nossos estudos sobre

escolaridade e currículo.” (Goodson;1995,75)

Sousa Santos (2000), também nos mostra a importância que assume o conhecimento de nós mesmos nesse processo de fazer ciência, o lugar de onde falamos, e também a quem falamos. [...] Chegamos ao final do século XX possuídos pelo desejo quase desesperado de complementarmos o conhecimento do nosso conhecimento das coisas, isto é, com o conhecimento de nós próprios. (Sousa Santos, 2000, p.71)

Outro educador e pesquisador, da Educação Física que nos fala sobre isso é João Batista Freire (1998), acrescentando sobre esta íntima relação entre educação, formação e vida, portanto para ele: Antes que planejamos nossa vida, a vida nos planejou. Os professores são mais que livros que leram, os discursos que ouviram, as correntes pedagógicas que se impuseram. Os professores, quando falam, falam de suas vidas, falam aos nossos olhos, ouvidos e peles. O professor não planeja a aula, planeja a vida. (Freire; J. 1998)

Diante de todas essas falas a reflexão estabelecida me levou a Ivani Fazenda quando ela nos afirma que se olharmos com cuidado veremos que *só temos uma pesquisa na vida*. Pois, se observarmos por onde passou nossas preocupações, por onde nossos olhares fixaram, o que nos incomodavam e nos encantavam, veremos que estes “olhares e viveres” não mudaram tanto assim, mudam-se as paisagens, mas, talvez, ainda consigamos buscar em outras paisagens, as mesmas nuances, os mesmos matizes. Guimarães Rosa dizia, algo do tipo “que saímos do sertão, mas o sertão não sai da gente”. Carregamos feitos tartarugas impregnados em nossos cascos, as marcas/cicatrizes dos lugares, das pessoas, das vivências e convivências que vamos tendo ao longo da vida! Vivências estas que nos auto constrói!

Dada minha vinculação com a formação de professores, espero que este trabalho possa oferecer elementos históricos que contribuam para a formação dos alunos do curso de Educação Física da ESEFFEGO. Para ser mais precisa, espero ainda, ao estudar a contribuição dos alunos da primeira turma do Curso de Educação Física da ESEFFEGO na composição das representações de corpo a essa tão tradicional instituição de ensino superior em Goiânia, oferecer subsídios para um repensar do corpo no atual momento histórico de nossa sociedade.

Diante da envergadura do trabalho, foi necessário resgatar o início da minha caminhada e entender a necessidade de tamanho esforço. Assim, compreendemos que:

Os ideais que perseguíamos ainda permanecem grudados em nós. Tomamos outras formas, ganhamos novos nomes mas, no fundo, docência e investigação continuam sendo para nós uma questão de compromisso humano, ético, ideológico e político. (MARTINS e TOURINHO, 2005, p. 92)

Partindo desse entendimento do compromisso social com a docência, construo esta pesquisa em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado Artesania³ metodológica exponho o percurso metodológico escolhido para esta investigação científica, considerando a forma e conteúdo da pesquisa, ainda neste capítulo aponto os porquês das escolhas metodológicas, como por exemplo: o uso das imagens, os documentos e das entrevistas, além de apresentar os colaboradores da pesquisas, os entrevistados. No segundo capítulo, discorro sobre a trajetória da educação do corpo no contexto escolar bem, como a interferência disso para a formação dos cursos de Educação Física em Goiás e como esse modelo de educação engendrou certas formas de e representação do o corpo em nossa sociedade, em especial em Goiânia. No terceiro e último capítulo, investigo aspectos sobre a história da ESEFFEGO e sua contribuição para o ensino superior de Educação Física no Estado de Goiás. Além de dar evidência à história da referida instituição, discuto como determinados temas se cruzaram nesse processo histórico – como a concepção de corpo e o ensino superior no Brasil e em Goiás – com o intuito de responder à problemática levantada no trabalho, neste capítulo, as imagens apresenta com muita propriedade um pouquinho da história da formação de professores de Goiás e também como o corpo era idealizado.

³ Nomeio esse caminho investigativo de ARTESANIA METODOLÓGICA pelo fato de sua construção ser semelhante a confecção de um artesanato. Artesania é a versão em espanhol de artesanato e a minha opção por ela deve-se pela sonoridade.

1 ARTESANIA METODOLÓGICA

A pesquisa

De caminho a caminho a obra vai se construindo
É como se fosse a construção de uma casa.
Primeiro o alicerce – as leituras
Depois em meio às massas, tijolos, fios, canos.
As paredes vão se erguendo – de repente
ela esta lá, majestosa.
Às vezes por algum erro,
ela poderá ser refeita.
Mas, na maioria das vezes,
ela é apenas acabada.
Então é o acabamento,
que dá a ela toda a beleza imaginada.
As cores, a textura, os gessos, as luzes, as janelas, as portas.
Mas, nada teria importância se nela não morar alguém.
Então é o seu dono dá a mágica da vida na pesquisa.

Fabiana Alzira

Diante do objeto já delimitado, e traçados os objetivos a serem investigados, a primeira tarefa metodológica a vencer é a definição do tipo de pesquisa mais adequado ao que foi proposto neste trabalho. Dadas as características desta investigação, optei pela pesquisa de abordagem qualitativa. No campo da pesquisa acadêmica, segundo LUDKE (1986), é cada vez maior a utilização das metodologias qualitativas. De qualquer maneira, o aumento da sua aplicação não significa dirimir as dúvidas sobre como desenvolver essa metodologia sem perder de vista os seus critérios de classificação.

Segundo FLUSSER (1999), a dúvida funciona como mediadora da elaboração de conhecimentos criativos e críticos. Desse modo, a sua função pode se desestabilizar a autenticidade e a certeza, ou seja, as certezas originais jamais serão as mesmas, porque o processo é irreversível. Mesmo as certezas iniciais já estão influenciadas pela marca da dúvida, que teve a função de parteira, e isso pode significar o fim de uma certeza ou o início de uma outra. Uma pesquisa qualitativa se distingue de outras abordagens por requerer uma inversão de foco.

Nessa seleção de pontos que distingue a pesquisa qualitativa vale a pena pensar que esse tipo de metodologia, onde o sujeito é o centro da pesquisa, e o seu cotidiano é valorizado. Podendo eleger como referência do processo como ele vê, elabora e conclui o seu próprio espaço de intervenção, isso possibilita uma troca bastante humanizada no próprio processo da pesquisa, abrindo espaço para uma reelaboração de ambas as partes, tanto do pesquisador como dos pesquisados. (LUDKE,1986, p. 12)

De fato, Sabemos que o nosso modo de ver o mundo, as coisas, todo isso esta ligado a experiências vividas por cada sujeito. Desse modo, o trabalho científico tem uma tarefa bastante importante na academia, que é sistematizar o conhecimento de forma científica. Para que o conhecimento se torne científico um passo fundamental é construir uma metodologia científica, pois essa credencia os estudos para serem aceitos como ciência ou não. Nesse processo de edificação do método:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. (CHIZZOTTI, 1991, p. 79)

Os construtos axiológicos e conceituais inerentes ao corpo e à sua educação, marcados pela subjetividade dos depoentes desta pesquisa, estabelece íntima ligação com toda uma dinâmica de relações e práticas corporais da cidade de Goiânia, que, por sua vez, está interligada a um sistema maior de símbolos e significados herdados do processo histórico da Educação Física no Brasil.

Contudo, para além da centralidade do sujeito no processo de interpretação da realidade e na coleta de dados, é possível encontrar outras características que reafirmam esta pesquisa como qualitativa. Segundo LUDKE (1986), um desses elementos é o envolvimento do pesquisador com o cotidiano da pesquisa e, por isso, o período de tempo do pesquisador com o campo da pesquisa deve ser relativamente significativo. O ambiente pesquisado não deve sofrer manipulação do pesquisador para que haja, assim, uma naturalidade nas observações e na compreensão da particularidade dos comportamentos e das falas dos envolvidos na pesquisa. “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como uma fonte direta de dados e o pesquisador como o seu principal instrumento.” (LUDKE, 1986, p. 11).

Outro elemento diferenciador é a predominância do caráter descritivo dos dados. A visão dos sujeitos envolvidos na pesquisa é representada com o máximo de detalhes, no que diz respeito ao levantamento dos dados, as transcrições das entrevistas, as imagens, os registros de observações e os documentos catalogados. Isso porque a preocupação com o

processo e muito maior do que com o produto. Por isso esta pesquisa não se ocupou apenas de identificar o ideário de corpo dos pioneiros. A preocupação está também em entender como esse ideário interagiu com as relações e práticas corporais na cidade de Goiânia e com a Educação Física em Goiás.

Também há de se ressaltar que o significado que as pessoas dão às coisas e as suas vidas são focos de atenção especial do pesquisador. Por mais que apareçam nos depoimentos dos informantes dados que estabeleçam certa regularidade entre si, cada pessoa revela uma visão singular sobre o objeto. “pressupõe-se, pois, que elas as pessoas, têm um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as suas ações individuais.” (CHIZZOTTI, 1991, p. 83). Para além desse conhecimento prático, muitos entrevistados possuem conhecimentos culturais, intelectuais e políticos que merecem ser compartilhados por todos.

Considerando-se que a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo, nesse caso não se seguiu um padrão rígido e metódico, pois a importância principal não é provar hipóteses pré-definidas. O objetivo desta pesquisa é descobrir com profundidade como o objeto se apresenta em suas particularidades, a partir de uma investigação espiralada, na qual o conhecimento se constrói em todas as direções, de baixo para cima, de cima para baixo e de lado a lado. É o exame das fontes de pesquisa que irão fornecer elementos para responder ao problema formulado.

Das várias modalidades que uma pesquisa qualitativa pode assumir a mais pertinente para os propósitos desta investigação é o estudo de caso. Sabe-se que o termo estudo de caso vem de pesquisas médicas e psicológicas, com casos individuais que explicavam algumas patologias. No século XX, as ciências sociais e humanas incorporam esse tipo de estudo para explicar situações que requeriam o aprofundamento de determinado fenômeno.

O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo, seja um indivíduo, uma família, uma instituição, ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos. (GOLDEMBERG, 2000, p. 33)

Conforme Goldemberg (2000) o estudo de caso tem como característica um número considerável de informações, obtidas mediante diferentes técnicas de coleta de dados, sendo que a principal delas é a entrevista. Para a autora que esse tipo de pesquisa requer um mergulho no problema levantado para tentar respondê-lo, e para isso exige determinados procedimentos, como uma delimitação precisa do objeto, com o intento de

analisar melhor o recorte da realidade social em questão.

A prática dos estudos de casos tem a sua importância no âmbito acadêmico, pelo fato de o objeto, tratado como único, poder ser compreendido pela sociedade mediante o processo de generalização. Nesse processo, o sujeito visualizará a unidade em ação como um espaço amplo e complexo e poderá construir relações com outros casos que se assemelhem ao que foi estudado. Durante a definição do percurso metodológico deste estudo, foram vislumbrados vários tipos de pesquisas, porém, ao dialogar com a literatura, pude constatar que o estudo de caso seria o mais adequado, por possuir, com uma de suas características, o estudo de instituições escolares. Conforme afirma Ludke (1989):

o estudo de caso qualitativo ou naturalístico encerra um grande potencial para conhecer e compreender melhor os problemas da escola. Ao retratar o cotidiano escolar em toda a sua riqueza, esse tipo de pesquisa oferece elementos preciosos para uma melhor compreensão do papel da escola e suas relações com outras instituições da sociedade. (LUDKE, 1986, p. 23 - 24)

A ESEFFEGO, como unidade dentro de um contexto maior, que é a cidade de Goiânia e, no limite à própria sociedade brasileira, mesmo com suas singularidades pode desvelar elementos que se fazem generalizáveis para o contexto social mais amplo. Esta citação reafirma o posicionamento:

O caso é tomado como unidade significativa do todo e, por isso, suficiente tanto para fundamentar um julgamento fidedigno quanto propor uma intervenção. É considerado também como um marco de referência de complexas condições socioculturais que envolvem uma situação e tanto retrata uma realidade quanto revela a multiplicidade de aspectos globais, presentes em uma dada situação. (CHIZZOTTI, 1991, p. 102)

Assentados os pressupostos teóricos que me permitiram decidir pelo estudo de caso, passo agora à descrição do delineamento da pesquisa. Segundo LUDKE (1986), a aplicação do estudo de caso ocorre em três fases: a primeira é o início da pesquisa, a exploração do objeto, e na qual o pesquisador expande o seu olhar para, em seguida, focá-lo; a segunda fase consiste na sistematização dos dados levantados e a última na análise e interpretação dos dados levantados na investigação, momento em que o pesquisador elabora um relatório final. A autora ainda acrescenta que esse processo é uma forma didática para a construção desse tipo de pesquisa, mas que essas três fases, em muitos casos, podem ser sobrepostas umas às outras, dificultando a identificação de seu início e fim.

Diferentemente de Ludke (1986), Gil (1991) entende o estudo de caso como um processo que possui não três, mas sim quatro etapas: 1) delimitação da unidade-caso; 2)

coleta de dados; 3) análise e interpretação dos dados; 4) confecção do relatório.

Seguindo esse passos sugerido por Gil (1991), esta pesquisa teve início com o levantamento bibliográfico relativa à evolução do conceito de corpo na prática social da Educação Física, bem como do conceito de imagem e do potencial dessa categoria em relação à representação da realidade social.

Nessa etapa do delineamento do estudo de caso, ou seja a apresentação da unidade em ação, ocorre a primeira aproximação do pesquisador com a literatura e com o próprio objeto. Nesse momento, são identificados os documentos a serem analisados, os informantes e todas as demais fontes que a pesquisa vai utilizar no seu caminho metodológico. Assim foram selecionadas as seguintes fontes: 1) fotos dos arquivos da ESEFFEGO, 2) fotos dos depoentes; 3) fotos de acervos públicos; 4) termo de passagem de cargo⁴; 5) regimento interno da ESEFEGO⁵; 6) plano geral de ensino/1963⁶; 7) depoentes.

Nos estudos de casos, as regras para a coleta de dados não são precisas, pois, a escolha depende dos objetivos traçados pelo trabalho. A entrevista de profundidade, também pode ser denominada semi-estruturada, é uma das mais sugeridas para essa modalidade de pesquisa, pois permite ao pesquisador descobrirá um universo muito singular dos entrevistados. Segundo Goldemberg (2000), a flexibilidade da coleta de dados é uma das evidências desse tipo de pesquisas.

Como os dados não são padronizados e não existe nenhuma regra objetiva que estabeleça o tempo adequado de pesquisa, um estudo de caso pode durar algumas semanas ou muitos anos. O pesquisador deve estar preparado para lidar com uma grande variedade de problemas teóricos e com descobertas inesperadas, e, também, para reorientar seu estudo. (GOLDEMBERG, 2000, p. 34 - 35)

Segundo Gaskell (2002), a entrevista semi-estruturada com apenas um interlocutor é uma das propriedades que garantem a profundidade da investigação e pode ser desenvolvida de duas formas distintas: a) ter um caráter investigativo extremamente formatado, mediante várias questões preestabelecidas, dentro de um tempo relativamente limitado; b) não se preocupar com a força da estrutura encontrada, constituindo uma análise mais aprofundada do conhecimento local e cultural em um espaço de tempo maior.

De acordo com a elaboração metodológica desta pesquisa, optei pelo segundo

⁴ Que aqui será tratado como **documento de nº 1**

⁵ Que aqui será tratado como **documento de nº 2.**

⁶ Que aqui será tratado como **documento de nº 3.**

procedimento de entrevista sugerido por Gaskell (2002), tendo em vista que a preocupação central não é apenas entender – deslocado de um o contexto cultural e histórico – o ideário de corpo dos professores pioneiros, mas sim visualizar como se deu essa construção de forma mais ampliada. Daí a necessidade de dialogar com o ensino superior, com a cidade e com a construção de projetos da educação do corpo no Brasil e em Goiás.

Um outro ponto importante na entrevista semi-estruturada é o fato de que ela serve como um processo de retroalimentação, haja visto que o pesquisador, ao sair a campo, já possui algumas informações prévias, que são utilizadas para subsidiar a entrevista e criar novas questões ou até mesmo confirmar as antigas. Sobre questões investigativas, que podemos também chamar de hipótese, e bom lembrar que nas pesquisas qualitativas, o seu lugar não é bem definido, tanto ela pode ser elaborada no início da pesquisa, quanto durante ou no final sem perder o seu valor metodológico. Para expressar essa idéia apresento a seguinte discussão:

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146)

Nesta pesquisa, as questões surgiram com a problemática levantada que foi sendo moldada desde o início, mas foi amadurecida na fase da coleta de dados. As entrevistas semi-estruturadas, como técnica de coleta de dados, proporcionam a troca de experiência entre o objeto e o sujeito da pesquisa e isso é um dos elementos que credenciam o estudo de caso qualitativo. A entrevista, nessa perspectiva mostra a relação que os entrevistados fazem entre o universo particular e o contexto geral, possibilitando uma amplitude do foco da análise, destacando os detalhes, o comportamento, as crenças, as atitudes, os valores, as motivações e as concepções de corpo no contexto específico e social. Sobre essa relação considero pertinente a seguinte argumentação:

O primeiro ponto de partida é o pressuposto de que o mundo social não é um dado natural, sem problemas: ele é ativamente construído por pessoas em suas vidas cotidianas, mas não sob condições que elas mesmas estabeleceram. Assume-se que essas construções constituem a realidade essencial das pessoas, seu mundo vivencial. O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos, muitas vezes em relação a outras

observações. (GASKELL, 2002, p. 65)

O acesso ao universo da vida dos entrevistados favorece a versatilidade e a profundidade da pesquisa com as descrições detalhadas dos seus aspectos originais. Assim, decidido o formato das entrevistas, era preciso pensar no conteúdo, na preparação e no planejamento das entrevistas com as fontes selecionadas.

Lancei mão dos documentos levantados, traziam informações sobre os sujeitos envolvidos na pesquisa. Com base nessas informações, foi constatado que a primeira turma do curso de Educação Física da ESEFEGO tinha com cinquenta alunos, dos quais trinta rapazes e vinte moças e iniciou-se no ano de 1963. Alguns deles após formados, retornaram à ESEFEGO como professores convidados, e esse foi um ponto importante para a delimitação do perfil dos entrevistados. Outro ponto fundamental para estabelecer os critérios para o levantamento dos dados foram as disciplinas e suas disposições no currículo da primeira turma.

Nessa análise, a disciplina Fundamentos Metodológico da ginástica destacava-se por aparecer em quase todos os semestres, possuindo contendo a maior carga horária, tanto teórica quanto prática. A ginástica era feita todos os dias pelos alunos com o objetivo de educar o corpo e prepará-los para as demais atividades acadêmicas. Vale ressaltar que no currículo atual do curso de Educação Física da ESEFFEGO a ginástica continua sendo a disciplina com maior carga horária, distribuída em diferentes períodos. Diante desses dados selecionei a amostra de entrevistados desta investigação a partir de dois critérios: a) ter integrado a primeira turma do curso; b) ter sido professor do Departamento de Gimínico Desportivo da ESEFEGO.

A partir desses dois critérios, foi possível identificar, nos documentos levantados no Departamento de Pessoal da ESEFFEGO, que o quadro de pessoas que comporiam a amostra seria de apenas quatro egressos . Por meio da entrevista semi-estruturada, tomei os depoimentos desses quatro egressos da primeira turma de formandos da ESEFEGO, que hoje são professores do Departamento Gimínico Desportivo da instituição. Foram eles os professores Joaquim Rezende, Sônia Marília de Ávila Gonçalves, Dalmo Antônio Teixeira e Jairo Sidney Bianchi.

Vale lembrar que, segundo GASKELL (2002), em uma pesquisa qualitativa deve-se considerar que na tomada de decisão das escolhas dos entrevistados sempre vai haver uma perda, pois o ato de escolha sempre beneficia um segmento em detrimento de outros. Para que isso não ocorra de forma aleatória, o autor sugere o que chama de “imaginação social

científica” (p.70). Mediante representações, vai-se criando conceitos a partir de suas falas, e pois não existem respostas corretas na pesquisa qualitativa – o objetivo é levantar e demonstrar pontos de vista.

Diferentemente da amostra do levantamento, onde a amostra probabilística pode ser aplicada na maioria dos casos, não existe um método para selecionar os entrevistados das investigações qualitativas, aqui, devido o fato de o número de entrevistados ser necessariamente pequeno, o pesquisador deve usar sua imaginação social científica para montar a seleção dos respondentes. (GASKELL, 2002, p. 70)

Nesta pesquisa, as entrevistas tinham como função focalizar as informações trazidas pelos egressos sobre o seu papel da disseminação de um ideário de corpo na cidade de Goiânia, em face aos postos profissionais que ocuparam na cidade, o que garantiria profundidade ao estudo. Nessa linha, confirma-se um modo de pensar em que a entrevista semi-estruturada é vista como:

estratégia utilizada para obter informações frente a frente com o entrevistado, o que permite, ao entrevistador, o estabelecimento de um vínculo melhor com o indivíduo e maior profundidade nas perguntas que previamente elaborou com um roteiro. (NEGRINE, 1999, p. 73)

Seguindo os conceitos de coletas de dados já apontados nesta pesquisa, realizei os seguintes procedimentos: estabeleci como ponto fundamental a relação de respeito e de amizade com os entrevistado e utilizei como elemento indispensável para as entrevistas a explicação precisa sobre o trabalho, destacando os objetivos da pesquisa, os seus procedimentos metodológicos, incluindo as regras para a publicação das entrevistas.

A ordem da realização das entrevistas com os egressos da primeira turma da ESEFEGO foi estabelecida de acordo com a disponibilidade de cada um deles. O primeiro contato com os entrevistados ocorreu por telefone, ocasião em que foram agendados os encontros. Nos momentos que antecederam esse encontros, o meu sentimento era de ansiedade e medo do inesperado, sensações que perduraram somente nos primeiros momentos de contato com os entrevistados. Todos não só me receberam muito bem em suas casas como também se colocaram à disposição da pesquisa e disponibilizando documentos, como fotos e livros.

Por confiar na sua precisão e pelo conforto que oferece tanto para o entrevistado como para o entrevistador, optei pela gravação em áudio para o registro das informações. Esses recursos tem sido muito usado nas pesquisas pois “a gravação permite contar com todo o material fornecido pelo informante, o que não ocorre seguindo outro meio”

(TRIVIÑOS, 1987, p. 148).

No caso da entrevista semi-estruturada, o pesquisador pode alterar a sua estrutura diante de algumas circunstâncias, visando uma maior interação com o entrevistado. Um dos pontos cruciais para a sua aplicação é o respeito pelos entrevistados e pelas informações disponibilizadas.

na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente na entrevista não totalmente estruturada, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. (LUDKE, 1986, p. 33 - 34)

Sobre o respeito ao entrevistado, é importante tomar sempre cuidado com todos os detalhes, como a forma como se estabelece o contato, os horários e locais para as entrevistas, o sigilo, o anonimato. Para a entrevista fluir de forma natural sem distorções, é importante que o entrevistado se sinta à vontade e confie no pesquisador e, para isso, é sempre bom estimular a sua fala de maneira coerente, lançando mão da escuta sensível, aprendizado que o pesquisador deverá desenvolver no processo investigativo.

Sobre os procedimentos de análise das entrevistas, utilizei alguns recursos apontados por NEGRINE (1999) para quem esta tarefa deve ser desenvolvida em três etapas: a) devem ser transcritas, sem alterações dos vocábulos, sem resumos e interpretações; b) nesse momento é feita a síntese das informações obtidas, o que requer do pesquisador certa criatividade para trabalhar com elas; c) o pesquisador deve relacionar os fenômenos encontrados com o referencial teórico escolhido, possibilitando confrontar suas questões, confirmando-as ou refutando-as.

Segundo FLICK (2004), para uma melhor organização da transcrição das entrevistas pode se confeccionar um quadro documental para servir de auxílio para o pesquisador na fase de análise das entrevistas. A seguir, quadro desenvolvido para esta investigação.

INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA E O ENTREVISTADO

Data da entrevista:

Local da entrevista:

Duração da entrevista:

Entrevistador:

Identificador para o entrevistado

Sexo do entrevistado

Idade do entrevistado:

Peculiaridade da entrevista:

Fonte: (FLICK, 2004 p.185)

As entrevistas, sem dúvida, são a fase de maior importância para a pesquisa, pois é nesse momento que o problema começa a ser desvelado, apresentando mais clareza em relação aos objetivos da pesquisa, além ser um espaço de retro-alimentação tanto para a investigação como para a formação do pesquisador.

As questões concretas previamente definidas pelo pesquisador podem ser desenvolvidas na pesquisa qualitativa com dois tipos de dados: os verbais e os visuais. Os dados verbais, com já foi dito foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e levantamento de documentos. Já para o levantamento dos dados visuais, lancei mão de técnicas observacionais e analíticas de imagens paradas, em especial fotografias, que foram levantadas nos acervos pessoais dos informantes, de funcionários da ESEFFEGO e no acervo do Museu da Imagem e do Som.

Com a coleta de dados, me deparei com novos apontamentos desenvolvidos no curso de mestrado em Cultura Visual e, dentre eles talvez o mais significativo tenha sido a percepção do poder das imagens na vida das pessoas e a possibilidade de pesquisar a partir delas e com elas. Assim, as imagens poderão ser entendidas como fatos sociais, e não mais como elementos ilustrativos da própria escrita acadêmica.

As imagens, aqui serão entendidas “como interação complexa entre visualidade, aparato, instituições, discurso, corpo e figuralidade” (MITCHELL, 1995, p. 16). Logo, ela ultrapassa o seu valor estético, possuindo um papel social na vida do sujeito e na cultura. Bauer (2002) inúmeras vezes definiu dividindo-a em três vantagens do uso de imagens:

A primeira é que a imagem, com ou sem acompanhamento de som, oferece um registro mais poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais – concretos, materiais. Isto é verdade tanto sendo uma fotografia produzida quimicamente ou eletronicamente, uma fotografia única, ou imagens em movimento. A segunda razão é que embora a pesquisa social esteja tipicamente a serviço de complexas questões teóricas e abstratas, ela pode empregar, como dados primários, informação visual que não necessita ser nem em forma de palavras escritas, nem em forma de números: a análise do impacto do tráfego no planejamento urbano, tipos de parques de diversões perigosos ou campanhas eleitorais podem, todos eles, beneficiarem-se como uso de dados visuais. A terceira é que o mundo em que vivemos é crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes, dependem de elementos visuais. Consequentemente, o visual e a mídia desempenham papéis importantes na vida social, política e econômica. (BAUER, 2002, p.137 - 138)

Nesse sentido, a imagem também não pode ser confundida apenas com estudos sobre comunicação e mídias, pois essa perspectiva segue uma outra estrada vicinal, que são os modos de transmissão. Na estrada escolhida para esta pesquisa, as imagens têm outros focos, e um deles é ser objeto de estudos e elemento da investigação científica que tem como finalidade difundir e apresentar a realidade material. “A imagem, assim como método científico, e ideológico e, portanto, liga contextos e significados na experiência, sejam eles políticos, religiosos, psicológicos, econômicos e sociais” (MARTINS, 2007, p. 30).

A sua interpretação deve ser multirreferencial, ou seja, em camadas de sensações e sentidos. Nessa perspectiva, as imagens fixas levam a acreditar que não são algo alheio a nós, mas sim parte da nossa própria vida e, por isso, entende-se que elas sejam “uma elaboração complexa preñe de significados e interpretações que depende de uma rede de informações, convenções e interações sociais que não opera de modo linear” (MARTINS, 2004, p. 01).

Essa dilatação conceitual significa entender novas práticas culturais de ver e suas relações com a subjetividade do sujeito, acrescentando à sua vida novos valores instituídos pelas experiências cotidianas vivenciadas em mundos rodeados por imagens.

A relação entre as imagens e a subjetividade é, portanto entendida no estudo de caso qualitativo da seguinte maneira:

As imagens nos constroem como sujeitos num labirinto de teias de significado que se interconectam nas dimensões sociais e simbólicas da cultura. O conhecimento, assim como a cultura, é construído a partir de múltiplas vozes, sentidos e perspectivas que refletem influências políticas, econômicas, religiosas e sociais. (MARTINS, 2004, p. 33)

Portanto, para a investigação a que me proponho, as imagens serão, em sua maioria, fotográficas, cuja e sua função não será somente a de resgatar o passado longe ou

próximo, mas principalmente revelá-lo. A escolha da cena revela um olhar individual por parte da realidade estudada. Não se trata apenas de compartilhar um enquadramento espacial da realidade, mas, sobretudo, de transformar os elementos que se encontravam de forma sincrética em um momento-síntese significativo de uma peculiaridade do universo estudado. Para isso, utilizo o conceito de corpo fotográfico desenvolvido por Guran (2002).

Um corpo fotográfico pode compreender, além desse material, imagens produzidas fora do âmbito da pesquisa. Anteriormente ou simultaneamente a esta, por terceiro ou pelos próprios membros da comunidade estudada. É o caso dos álbuns de família e similares, reportagens e outros tipos de documentação sobre o assunto, como também do material produzido pelos próprios membros da comunidade estudada sob a coordenação do pesquisador. (GURAN, 2002, p. 96)

O conceito de corpo fotográfico será incorporado na metodologia como parte dos documentos utilizados pela pesquisa e como elemento da análise da coleta de dados, podendo ser, ao mesmo tempo, os pontos de partida ou de chegada. Isto significa que a imagem fotográfica pode captar o imprevisto, possibilitando novas formas de olhares para o fato destacado. Além disso, a foto poderá também contar uma história, pois nesse sentido a fotografia pode ser utilizada para enunciar ou explicitar conclusões obtidas mediante a compreensão do pesquisador em relação à realidade estudada, portanto:

Fotografar para contar corresponde ao momento em que o pesquisador compreende e, de certa forma, domina o seu objeto de estudo, podendo, portanto, utilizar a fotografia para destacar com segurança aspectos e situações marcantes da cultura estudada e desenvolver sua reflexão apoiado nas evidências que a fotografia pode apontar. (GURAN, 2002, p. 97)

Uma das vantagens do uso da fotografia na pesquisa é a de recortar a realidade em fragmentos, em pequenas histórias, que se encontram diluídos num vasto campo de visão e memória dos entrevistados, revelando, assim, uma particularidade do cotidiano dos sujeitos envolvidos no trabalho. Esse foi um dos motivos da escolha metodológica de trabalhar com o corpo fotográfico, pois o estudo resgata fatos sociais de quarenta e seis anos atrás; por esse motivo, as fotografias têm um papel fundamental, que é de mostrar a realidade social a partir de cenas fragmentadas do fenômeno estudado.

É nessa esfera que a fotografia se mostra como um recurso eficiente nos estudos das relações sociais e das representações subjetivas da realidade social e dos sujeitos envolvidos.

Como fonte metodológica da pesquisa, como já foi dito, a imagem fotográfica

poderá ser instrumento de início e de chegada: de início, quando ela gera uma reflexão objetiva na pesquisa e de chegada, quando ela fundamenta as observações nas análises feitas no percurso do trabalho, não apenas analisando o dito e o visível, mas principalmente revelando o não dito e o invisível.

Cabe esclarecer que o uso das imagens e a sua leitura nesta proposta de artesanaria metodológica não compõem um campo de abrangência analítica. Aqui, a leitura das imagens é acessível a sujeitos comuns, como eu mesma, pessoas que acreditam na função social da imagem. A apreciação é o guia para essa apropriação do saber experimentado: “Só podemos ver aquilo em que, em algum feitio ou forma, já vimos antes. Só podemos ver as coisas para as quais já possuímos imanes identificáveis, assim como só podemos ler em línguas cuja sintaxe, gramática e vocabulário já conhecemos” (MANGUEL, 2001, p. 27).

Esse reconhecimento do lugar da imagem na investigação científica ajudou a fundamentar a escolha da abordagem metodológica da investigação.

A criatividade do pesquisador imprime no trabalho a sua marca individual, através das suas reflexões, pautadas nas literaturas e na sua própria experiência vivida, fortalecendo com isso as relações de cumplicidade entre o pensamento e a prática. Portanto, nas ciências humanas, a formação do pesquisador se dá mediante a sua própria prática de pesquisar como um artesão.

Todos esses aspectos convergem para a necessidade de o pesquisador se assumir como artesão pertinaz, paciente, atento, sensível e, ao mesmo tempo, desprezioso, zelador do consórcio entre teoria e prática, reservando exemplos probantes a cada movimento importante de sua reflexão. As ciências humanas, ao serem exercidas como ofício, permitem que cada pesquisador se sinta parte integrante da tradição clássica, podendo fazer reviver dentro de nós e entre nós, aquilo que de mais alentador a condição humana pode oferecer. (OLIVEIRA, 1998, p. 20)

Considerando a minha pouca experiência em pesquisar, um texto importante para a elaboração deste estudo foi o texto *Viver a tese é preciso*, da professora Maria Ester de Freitas, publicado em 2002. Lendo o texto, questionei os problemas da pesquisa em si, ri, me identifiquei e me angustiei, e foi nesse processo de estranhamento, que às vezes era compreendido como sofrimento, que encontrei resposta para esse conflito interno. O texto diz que tudo fazia parte da natureza da produção do trabalho acadêmico e, portanto, era comum, que a grande maioria dos pesquisadores passava por essa neurose intelectual.

Estou firmemente convencida de que a natureza do trabalho acadêmico determina boa parte das situações que vivemos na época da tese e as exigências emocionais

que se nos apresentam. Ela é um projeto especial, sem demérito aos demais, que mobiliza todas as forças do sujeito, pois trata-se de uma tarefa anti-social e excludente, desestabilizadora de certezas intelectuais, comportamentais e emocionais, desenvolvida a longo prazo. Esse conjunto de características intrínsecas torna o trabalho extremamente gratificante quando concluído, pois ele consome e produz uma grande dose de energia psíquica e exige enorme tolerância à ausência de *feedbacks* imediatos, além de impor severa cobrança de exclusividade, difíceis de suportar por tempo tão longo. (FREITAS, 2002, p. 215)

A possibilidade de pesquisar, portanto, é uma construção pautada intensamente na condição humana. Na investigação científica, , assim como no artesanato a criatividade do pesquisador dá ao trabalho a sua marca, e essa marca é resultado de sua experiência vivida.

A relação entre o pensamento e a prática efetivada no contato com a realidade conecta pensamento, conteúdo, existência e criatividade. Portanto, a pesquisa é aqui entendida como um ato criador.

2 ESEFFEGO: ESSA HISTÓRIA TEM NOME E ENDEREÇO

Durante o processo de elaboração desta pesquisa, tornou-se presente a necessidade de se recorrer à história como componente fundamental, visto que os fatos e acontecimentos passados fornecem os referenciais de análise do presente. Nesse sentido, a percepção de quem vai contar a história também muda, a partir das escolhas das imagens selecionadas dos fatos históricos, podendo ser construídas e reconstruídas várias narrativas históricas.

Voltando ao início da história desta escrita, retomam-se as reflexões de Castellani Filho (2001), quando ele afirma que nos momentos de estabilidade não há porque refletir sobre a história e muito menos sobre os próprios papéis dos indivíduos. Satisfeitos com o presente, a história fica suspensa para que questões do cotidiano sejam analisadas; todavia, em tempos de instabilidade e o descontentamento com os fatos históricos e sociais do presente, o indivíduo sente necessidade de lançar mão do passado, com o intuito de resolver os problemas do presente.

A opção de buscar o ideário de corpo dos egressos da primeira turma da ESEFFEGO surge exatamente em um desses momentos de instabilidade da instituição e talvez da relação pessoal da autora com a instituição, na qual atualmente leciona. Portanto para entender a Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás - ESEFFEGO, o primeiro passo foi buscar os fatos que fundamentam a sua história. Como surgiu a ESEFFEGO? Que fatos passados se fazem reluzir em seu presente? Existe entre esses fatos alguns que coloca em risco hoje as conquistas alcançadas ao longo de seu processo histórico?

A imagem 5 mostra o cenário atual da ESEFFEGO, a foto produzida pelos alunos da turma 2007/01, já dita, apresenta como a instituição esta hoje. Com a sua faixa acinzentada, desgastada com o tempo, sem vida, sem brilho, encoberta pelos muros sem pintura, sem reformas adequadas há tempo a sua tradição esta encoberta pela estrutura mal

cuidada desta Unidade Universitária da UEG. Apesar do espaço físico se localizar em uma das avenidas mais movimentada e conhecida da cidade, a Avenida Anhanguera, a ESEFFEGO já não é mais um espaço reconhecido em Goiânia pela sua missão, o de formar professores de Educação Física.

Na tentativa de captar os nexos sociais, culturais e políticos que determinam a criação da ESEFFEGO e sua configuração atual, foram consultadas diferentes vertentes de pesquisa sobre o ensino superior nacional e local. Para a análise histórica dos cursos de formação de professores o referencial é Cunha (2000), que faz no seu livro uma análise dos 500 anos de ensino superior no país. No que diz respeito, especificamente, ao ensino da Educação Física em Goiás, os subsídios foram buscados em Baldino (1991), que em sua dissertação de mestrado discorre sobre a expansão do ensino superior no Estado; Dourado (2001), que em sua tese de doutorado discute a interiorização do ensino superior e a privatização do ensino público em Goiás; Nascimento (2002), que pesquisou para sua dissertação de mestrado, a participação política da juventude goiana no movimento estudantil universitário na década de 1960, e, por fim, singularizando a discussão, buscou-se a reflexão desenvolvida por Lima (1992), em sua dissertação de mestrado, que trata especificamente da criação do curso de Educação Física em Goiás a partir de duas categorias fundamentais: o militarismo e o populismo.

No final da década de 1950 e início da década de 1960 o Brasil passa por um reordenamento político e cultural com a redemocratização do país, e a Universidade não fica imune a essas mudanças. O período também foi marcado por várias medidas, e entre elas estão as cartas redigidas pelas universidades mais renomadas do país à população brasileira nos anos de 1962 e a de 1963, anunciando modificações no ensino superior do país.

Prioridade das instituições públicas sobre as privadas, por serem aquelas gratuitas e permitirem a convivência democrática de opiniões conflitantes; supressão dos exames vestibulares, vistos como barreiras discriminatórias em termos econômicos; abandono da exigência de tempo integral para os estudantes, pois a realidade brasileira estava a exigir sua participação mais fora da universidade do que dentro dela, em especial na alfabetização do povo; um terço dos membros dos colegiados universitários com direito a voto para os estudantes; participação estudantil nas comissões de admissão e promoção de docentes; desistência da reivindicação da autonomia universitária entendida, agora, como perigosa para a democratização da instituição. (CUNHA, 2000, p.177)

Para melhor esclarecer os nexos feitos nesta pesquisa, é necessário entender a relação entre o ensino superior goianiense com a realidade local, regional e nacional, garantindo assim um modo de ver mais ampliado. Nessa perspectiva, o contexto social dá a base do cenário da época. Como diz Baldino:

[...] é inegável também a contribuição política para movimentar o setor do ensino superior goiano, os acontecimentos decorrentes da criação de Goiânia e a transferência da capital; a consolidação da capital; o momento nacional denominado Marcha para o Oeste; a criação de Brasília e a transferência da capital federal; bem como a nova configuração política que Goiás assume [...] (1991, p. 20)

A imagem quatro ilustra um pouco esse momento de construção e consolidação da cidade de Goiânia, a foto demonstra a origem da ESEFEGO, localizada na Avenida Anhanguera, ainda sem asfalto, demarcando a relação entre a consolidação urbanística e cultural da cidade de Goiânia. Nesse prédio antigo, funcionava a primeira Praça de Esporte do povo da Vila Nova que mais tarde se transformou na Escola Superior de Educação Física de Goiás, a sua estrutura arquitetônica apresentava simplicidade agregada à organização e limpeza. A imagem traz também o primeiro ginásio coberto da cidade, construído pelo então Governador Mauro Borges, a sua inauguração contou com o espetáculo musical da cantora Rita Lee, em 1963.

Sobre esse cenário da cidade e sobre a situação da ESEFEGO á época da sua criação no ano de 1962 e foi instituído o curso em 1963, a professora Sônia Marília diz com muita propriedade:

Não, tinha asfalto, [...] o asfalto ia até a ponte do Botafogo, aí aquele pedaço todinha da Vila Nova era sem asfalto, a Escola era toda muito empoeirada. Nós fazíamos aula numa quadra ao ar livre. E era ali que fazíamos as aulas, e tinha que deitar e tinha que sentar, saía feito um tatu, [risos], mas fazia parte. Se quiséssemos também tinha lugar para tomamos banho, em um vestiário muito bom. A escola era muito boa, era muito respeitada pela população. (entrevista concedida no dia 22/08/2008)

As imagens que se segue abaixo tenta apresentar o cenário estrutural da criação da ESEFFEGO, buscando focalizar um olha situado primeiramente do geral para o particular. Nesse sentido a vista ampliada da construção da cidade em seguida a vista panorâmica da antiga praça de esporte do povo e logo a baixo a faixa da ESFFEGO no ano da sua criação contrata com a ESEFFEGO atual focalizando o ponto inicial da pesquisa.

Imagem 4



Imagem 4 - Fonte: <http://historiadegoiania.blogspot.com/> Acesso em 23/01/2009 - Goiânia (1935 – 1937)

Ao olhar para este plano da construção das primeiras ruas da cidade de Goiânia, encontramos um modelo de corpo, aqui não se refere a corpo de fisiológico mais sim um corpo estrutural de concreto. A interferência dos sujeitos na construção da cidade desenha a sua identidade e a sua subjetividade, constituindo assim uma cidade viva e composta por corpos ativos e orgânicos nas suas atitudes no processo de construção da suas próprias historia e o seu próprio corpo - a cidade.

Imagem 5



Imagem 5 - Fonte: acervo da ESEFFEGO – foto da década de 1960.

A partir dessas imagens e dos depoimentos é possível estabelecer relações entre o ensino superior nacional e o local, destacando o recorte feito em Goiás na década de 1960, que permite compreender a importância histórica dos anos anteriores do surgimento da ESEFFEGO. É nesse cenário que faremos as relações entre o singular e o plural. De acordo com Nascimento (2002),

As condições concretas dos fenômenos na sua particularidade é que podem dar as condições para que retornemos ao fenômeno geral não de maneira genérica, mas perfazendo um caminho que desvele a diversidade de relações que o particular guarda com a totalidade, enfaticamente nos seus aspectos socioeconômicos e políticos.(NASCIMENTO,2002,p.13)

Imagem 6



Imagem 6 - Fonte: Museu da Imagem e do Som

Esta foto da entrada principal da ESEFEGO, localizada na Avenida Anhanguera, ainda não era asfaltada, mostra a origem da instituição e ressalta a relação entre a construção urbanística e cultural da cidade de Goiânia com a ESEFEGO. O tipo da iluminação da rua, a falta de muros na Escola, o pouco movimento na rua, traz um cenário sócio-cultural a realidade vivenciada pelos primeiros alunos egressos da ESEFEGO na sua criação na década de 1960.

A foto abaixo, tirada da fachada da ESEFEGO em 2007/01, mostra uma instituição que pouco progrediu até o seu nome que já mudou desde 1994, ainda permanece o mesmo, desgastada pelo tempo, sem vida, sem brilho, a ESEFEGO demonstrada aqui, localizada na Avenida Anhanguera, uma das mais movimentada da cidade, foi a primeira e a mais importante escola superior de Educação Física em Goiás e hoje já não goza mais do respaldo e do reconhecimento da sociedade goiana.

Imagem 7



Imagem 7 - Fonte: acervo pessoal da autora.

Considerando a particularidade da pesquisa o processo de construção de uma cultura física na cidade de Goiânia começa a ser sistematizado no final da década de 1950. No ano de 1958, quando foi criado o Departamento de Educação Física e Esporte de Goiás – DEFE, o panorama da Educação Física em Goiás era muito precário e quase não existia em forma de conhecimento sistematizado. O DEFE foi criado para dar um suporte pedagógico às escolas públicas e privadas do Estado. Nesse contexto, o entendimento de Educação Física ainda estava inteiramente vinculado aos métodos europeus de ginástica e às práticas desportivas.

Seguindo esse pensamento educacional, a Educação Física começa a se delinear como um campo de atuação de forma sistematizada em torno do conceito de educação higiênica do Corpo – o que estava em questão era a construção de um povo robusto. Segundo essa proposta, homens, mulheres e crianças brasileiras deveriam possuir um vigor físico fundamental para a harmonia da vida, a alegria da alma e a preservação da espécie.

Como o corpo dos indivíduos é elemento constitutivo das forças produtivas da nova ordem, constituindo-se desse modo em realidade biopolítica, o poder de que se revestem certas práticas sociais que nele investem é quase absoluto. Particularmente, poderíamos nos referir àquelas que se constituem a partir de um conhecimento deste corpo [...] biológico e orgânico, tais como a medicina, e as formas que elas aprimoram para influir de maneira coercitiva e repressiva na sociedade, formas estas fundamentais para a manutenção da nova ordem. (SOARES, 2001, p. 20)

Esse pensamento de valorização do vigor físico do povo brasileiro começa a se consolidar como proposta concreta com a criação dos primeiros cursos de formação em Educação Física no país, no início do século XX. Com isso surgem os primeiros conceitos de educação corporal no Brasil.

As décadas de 1920 e 1930 foram um período importante no que diz respeito à elaboração de um novo conceito de educação inclusive para a formação da Educação Física no Brasil. Nessas décadas foram criados no país inúmeros debates educacionais, abrangendo o ensino básico até o ensino superior, nesse contexto surgiram às primeiras escolas de formação de professor de Educação Física brasileira, pautadas nos pensamentos desenvolvido no país por vários intelectuais, dentre eles Fernando de Azevedo.

Devido ao clima de conflito aberto, em 1932 é publicado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, encabeçado por Fernando de Azevedo e assinado por 26 educadores. O documento defende a educação obrigatória, pública, gratuita, e leiga como um dever do Estado, a ser implantada em programa de âmbito nacional. Crítica o sistema dual, que destina uma escola para os ricos e outra para os pobres, reivindicando a escola básica única.

Esse pensamento era refletido em diferentes áreas mediante os conceitos de educação que foram expandidos no país, através de diversas medidas sociais, éticas e educacionais. Segundo Aranha (1996) Fernando de Azevedo é reconhecido como um dos mais importantes intelectuais brasileiros, e a sua contribuição são desenvolvidos por uma concepção humanista na verdadeira acepção da palavra. Por isso, um homem que lutou pelo desenvolvimento do humanismo na Educação do país, o qual, acreditava o ensino de qualidade não está na matéria que ensinamos (seja qual for, letras ou ciências), mas no espírito que nos anima no ensino de qualquer disciplina e na maneira de ensiná-la. O seu pensamento, com múltiplos interesses intelectuais, para quem nada do que é humano era estranho. Na educação física — área em que foi especialista, tendo escrito uma tese pioneira, a poesia do corpo ou a ginástica escolar: sua história e seu valor em 1915.

Transitou também pelo ensino de latim e de psicologia, pela crítica literária, pela investigação sobre a arquitetura colonial e, pela reforma educacional. Fernando de Azevedo foi uma das maiores expressões da inteligência cultural do Brasil moderno, destacando-se por três contribuições fundamentais: 1) a grande reforma do ensino no antigo Distrito Federal (1927-1930), reforma essa que, foi o marco inicial do processo de modernização do ensino no Brasil. 2) O Manifesto dos pioneiros da educação nova (1932), documento importante para a história da educação brasileira. Subscrito por um grupo dos mais expressivos educadores e intelectuais, mantém até hoje sua validade. 3) A cultura brasileira, que se tornou uma obra de referência da cultura nacional, em todos os seus aspectos. Além destas três acrescento ainda a sua contribuição, no processo de fundação da Universidade de São Paulo (1934), destacando-se como um percussor incansável pela implementação do verdadeiro espírito universitário.

Imagem 8



Imagem 8 - Fonte: ginástica feminina em Porto Alegre (1930) /
www.frgs.br/prorext/mostra_virtual/arq10456_1/ Acesso em 21/05/2008

Imagem 9



Imagem 9 -Fonte: Aula de ginástica em São Paulo – 1935/ <http://historiadaeducaçãofisica.blogspot.com/>
Acesso 12/11/2007

Nessas imagens 8 e 9 mostra, além da prática da ginástica européia desenvolvidas nas escolas femininas e masculina como também ressalta o controle dos corpos através das disposições das pessoas em colunas e fileiras esse formato de aula oriunda da experiência militar definia o conceito de Educação Física se desenvolvia nos espaços escolares no início da implantação da Educação Física escolar no país. Portanto esse modelo de Educação Física para homens e mulheres deveria ter como base pessoas fortes, desde que preservasse as suas diferenças sócias estabelecidas.

Diante de tudo isso, a Educação Física começa a se consolidar como uma área do conhecimento a partir da Constituição de 1937, no texto de nº. 1, de 10 de novembro, 131 e 132. Portanto a Educação Física, à época adentra com vigor nas escolas brasileiras e em todos os níveis de ensino até o ensino superior, a fim de promover a disciplina moral e o adestramento físico, preparando o povo para os deveres da economia e da defesa da Pátria.

Essa medida comunga com o pensamento dos idealizadores da cidade de Goiânia. A força física e a cultura atlética representavam corporalmente essas medidas eugênicas na formação das pessoas. Segundo Castellani Filho (1988) desenhavam-se assim diferentes ideários: de corpos, cidades, educação e Educação Física.

Goiânia é como que a própria expressão, em termos urbanísticos do Brasil novo, do Brasil que se redescobriu, do Brasil unificado num só corpo e num só espírito, do Brasil que coordenou todas as nossas forças, orientando-as para fins altos e nobres, do Brasil que se ergueu do “berço esplêndido” e começou já a cavalgada da glória. Goiânia é, assim, a espécie de candinho, em que cozem e purificam os nossos vários caracteres. Nela, mais que em outro ponto qualquer, se encontram os dois Brasis – o do litoral e do sertão - , nela se está formando a célula do Brasil integral. (FIGUEIREDO, apud GONÇALVES, 2002, p. 29);

A vista panorâmica da construção das primeiras ruas de Goiânia, apresentada na imagem 7, estabelece um nexos entre o particular e o geral, visto que, a cidade aqui é entendimento como um espaço de representação complexa da cultura de um povo guardados pelas contradições e conflitos, nesse sentido tomei o corpo como representação central dessa construção social no qual a ESEFEGO foi uma das responsáveis pela construção dos ideários de corpo, Educação Física, cidade e cultura goianiense.

As idéias traduzidas em gestos demarcam as relações sociais e culturais que representam também as mais diversas transformações sócio-históricas da civilização humana. Gonçalves (2002) diz da importância do o papel da cultura na construção da identidade de um povo. Portanto, falar sobre o corpo é falar sobre a própria construção da cultura das cidades em diferentes sociedades. O indivíduo traz consigo marcas inscritas corporalmente e essas se transformam em repertório singular que são construídas historicamente através dos desejos vindo do outro, tornando-o a representação mais fiel da cultura.

A cultura é parte integrante e fundamental do patrimônio e da riqueza de um povo. Através dela, as manifestações das diversidades regionais ganham unidade e se projetam como expressão da identidade cultural de uma nação. Ressalte-se, ainda, a importância da cultura para a reflexão sobre os destinos e o desenvolvimento de um país: ela é, portanto, o sinal mais evidente da consciência de um povo sobre si próprio, sobre sua identidade e seu destino. (GONÇALVES 2002, p.13.)

A cidade traz em sua imagem a marca da cultura de seu povo integrando elementos

físicos, morais e culturais. Além disso, é o corpo que, a constrói nas suas diferentes vertentes, e esse mesmo corpo compreendemos como território pouco desvendado, pois, apresenta em sua estrutura um campo amplo demais para ser totalmente revelado, com seus desejos, sentimentos, sentidos, interesses, funções, interdições e o mais importante à marca da visibilidade humana ele torna-se elemento fundamental da cultura.

[...] é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esse costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem: é um produto da natureza e particularmente da natureza humana. (PARK, apud, GONÇAVES, 2002, p. 76)

Nesse sentido a construção da cidade de Goiânia no coração do Brasil, é fruto de diversos interesses econômicos, políticos e cultural. A primeira capital planejada do Centro Oeste no século XX deu a Goiânia um caráter histórico e conceitual de cidade planejada.

O estilo Art déco traduzia em sua formas o símbolo do movimento moderno e representa um conceito de arquitetura que demarca um conceito de sociedade, de homem e de corpo que a nova capital construía no interior do país.

A transformação de uma sociedade predominantemente agrária em outra industrializada e urbana estabelecia vínculos maiores entre o local, o regional e o nacional. uma nova capital a partir do nada e no nada, numa paisagem desoladora, onde alguns edifícios ergueram-se no meio do pó e da solidão (GONÇALVES, 2002, p.17).

Em meio a construções e des-construções culturais, Goiânia vive vários momentos políticos, econômicos, educacional e cultural. O surgimento de um novo governo no Brasil, o Estado Novo, trouxe para a Educação um sistema mais autoritário, com instruções pré-militares e a inclusão dos estudos cívicos e morais nos currículos. A autonomia da educação e da Educação Física vai perdendo força, tornando-se mais disciplinadora.

A imagem nove apresentada abaixo traz como referencia esse modelo de Educação corporal apresentada pelos autores referentes. A aula de Educação Física no Colégio Dom Pedro II no Rio de Janeiro é bastante significativa, ao observar a postura do professor vestido de terno e os alunos vestidos com uniformes que se assemelham com fardas militares, considerando o colégio Dom Pedro II como uma escola referência de qualidade do ensino no país, a viabilidade da prática da ginástica francesa utilizando material, o bastão, ilustra o formato de como eram ministradas as aulas nas escolas.

Imagem 9



Imagem 9 - Fonte: Aula de Educação Física no colégio Dom Pedro II (1934)

www.ufrgs.br/proext/mostra_virtual/arq10456_1/ Acesso em 24/01/2009

Imagem 10



Imagem 9 - Fonte: Aula de Educação Física no colégio Dom Pedro II (1934)

www.ufrgs.br/prorextmostra_virtualarq10456_1/ Acesso em 24/01/2009

Esta imagem mostra outro material utilizado nas aulas de ginástica, os alteres, confeccionado com madeiras maciça ressalta as instruções militares durante as aulas a fim de fortalecer os considerados filhos da pátria, pois, caso precisasse, poderiam dispor da civilidade ensinada na escola e utilizá-la há qualquer momento de confronto armado.

Nesse período houve também uma expansão considerável do ensino secundário no país, que influenciou o ensino de terceiro grau no Brasil. Em Goiás, isso não foi diferente, e o primeiro passo para a criação de uma Universidade foi a preparação do ensino secundário para habilitar os alunos para o acesso ao curso superior. Em Goiânia, o Liceu e a Escola Normal, que eram as escolas mais expressivas da época no que diz respeito ao ensino secundário, tiveram projetos diferentes com relação à inserção dos seus alunos no nível superior.

Fica evidente a coexistência de dois projetos educacionais distintos na instrução secundária: profissionalizante (Escola Normal) e o propedêutico (Lyceu) que em

últimas instâncias conferem de status e privilégios também diferenciados. Registra-se, pois, com a criação do Lyceu em 1847, uma iniciativa pública educacional voltada ao ensino superior, antes mesmo da instalação da Academia de Direito de Goyaz em 1903, a qual constituiu-se num fato de extrema significância. (BALDINO, 1991, p. 50)

O Liceu tinha como objetivo preparar os alunos o ensino de terceiro grau, enquanto a Escola Normal não expressava em seu projeto essa pretensão. Confirmando a missão do Liceu na cidade, o professor Joaquim Rezende, em entrevista a esta autora

afirma:

Me transferi para Goiânia na década de... final da década de 1950, em 1959 mais ou menos eu estava vindo para Goiânia, mas eu comecei a estudar mesmo em Goiânia - eu cheguei há um ano e em outro que eu comecei a estudar - comecei a estudar no Liceu de Goiânia, a gente fazia um verdadeiro vestibular para poder passar era difícil conseguir vagas. Então eu penei... Porque estava acostumado lá no interior, nota 7, 8, 9, e aqui era 2, 3, essas eram a média das notas. A gente estranhou muito mais, foi bom porque era uma escola muito boa, na época todos esses políticos hoje que estão em evidência, todos passaram por lá, nós somos contemporâneos e a convivência foi muito boa, e eu aprendi muito na vida estudantil, a minha vida estudantil foi muito boa, no Liceu de Goiânia e depois quando eu passei para o ensino superior né, ai deslanchou de vez. (Professor Joaquim Rezende – Entrevista concedido em 19/12/2009)

A imagem onze mostram a retidão dos corpos e a disciplina, encontrada nas aulas de Educação Física desenvolvidas nas escolas de primeiro e segundo grau do país. Na época as aulas eram divididas por gênero: masculino e feminino.

Imagem 11



Fonte: Aulas de ginástica na escola do Rio de Janeiro (1938) / www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm - Acesso em 04/05/2007

Nessa imagem a disciplina do corpo servia para disciplinar também a mente dos futuros cidadãos brasileiros. O uniforme branco contrastando com a terra da quadra improvisada, guardava a expressão da sistematização do conceito de Educação corporal higienista desenvolvida nas escolas mediante métodos de ginástica europeus.

A diferença dos movimentos era demarcada por procedimentos corporais específicos e para as meninas os movimentos eram suáveis e para os meninos os movimentos deveriam ser retos e praticados com outra intensidade, isso se justifica na amplitude das articulações do corpo durante as flexões. Portanto, esse modelo de Educação Física para homens e mulheres deveria ter como base o preparo de pessoas fortes. Destacando a preservação das diferenças sociais estabelecidas para cada sexo. Essa disciplina do corpo servia para disciplinar a mente dos futuros cidadãos brasileiros.

Como se vê o processo educacional do país esteve sempre vinculado a um contexto político, econômico e cultural. Contextualizando historicamente essa modalidade de ensino,

Cunha (2000), afirma que o terceiro grau aparece pela primeira vez no país em 1550, na sede do governo-geral em Salvador, Bahia, criado pelos jesuítas. Somente no século XIX, quando o Brasil recebe o título de Reino Unido a Portugal e Algarves, é que foi criado o formato de ensino superior, mas foi no início do século XX que ele é institucionalizado nos moldes que se conhece hoje.

Segundo Baldino (1991, p. 35), o fenômeno se configura “enquanto um campo onde coexistem diferentes tipos de organização acadêmica-administrativa (faculdades isoladas, institutos ou universidades) melhor explicita a realidade contraditória que é o ensino superior brasileiro”.

Diante do quadro do ensino superior do país, observa-se algumas características inabituais como um todo. E sobre essa peculiaridade brasileira, Cunha (2000) atribui essa especificidade a duas realidades bem demarcadas: de um lado, as universidades, e de outro, as instituições de pequeno porte. Em relação às instituições de pequeno porte, diz o autor: “Estas são em geral instituições especializadas, credenciadas pelo Governo Federal para conferir diplomas nas mais diversas especialidades, em igualdade de condições com as instituições propriamente universitárias”. (CUNHA, 2000, p. 151)

As primeiras instituições de pequeno porte eram dedicadas ao ensino superior independente, com as cátedras, criadas pelo primeiro Governador Geral do Brasil, Tomé de Souza. Estas tinham como objetivo formar, o mais rápido possível, profissionais liberais, tais como médicos, engenheiros e juristas. Após essa decisão de construir essa modalidade de ensino no país, o governador criou os primeiros cursos superiores no Brasil, em diferentes locais. O curso de Medicina foi criado na Bahia e no Rio de Janeiro; o de engenharia foi instalado na Academia Militar, no Rio de Janeiro; e mais tarde surgiu o curso de Direito em Olinda e São Paulo.

Esses três cursos profissionalizantes, Engenharia, Medicina e Direito, preponderaram no Brasil durante muitos anos.

Essas cátedras eram unidades de ensino de extrema simplicidade, consistindo num professor que com seus próprios meios ensinava seus alunos em locais improvisados. Foram as escolas, as academias e as faculdades, surgidas mais tarde, a partir das cátedras isoladas, as unidades de ensino superior que possuíam uma direção especializada, programas sistematizados e organizados conforme uma seriação preestabelecida, funcionários não decentes, meios de ensino e local próprio. (CUNHA, 2000, p. 154)

Nessa concepção, duas questões contextuais foram importantes para o processo de construção da educação de terceiro grau no país: as transformações econômicas do país e a

a necessidade de um ensino livre dos privilégios que os diplomas traziam para algumas pessoas, estas de caráter mais ideológico.

Apenas em 1920, foi criada no Rio de Janeiro a Universidade do Brasil, cujo status de universidade foi resultado da junção de diversas cátedras. Por um lado, se criava a tão esperada universidade: mas, por outro, não se tinha um projeto ainda consistente de universidade, pois esta não estava vinculada com produção de conhecimento tal como alguns intelectuais que a defendiam e desejavam.

Dois anos após a criação da primeira universidade brasileira, criou-se também na cidade de São Paulo o primeiro curso de formação de professores de Educação Física do Brasil, nas dependências da Escola Militar, em 1922. Vale a pena lembrar que a cultura militar sempre foi um traço importante na construção da identidade dos cursos de Educação Física criados até a década de 1980 no Brasil. No livro *A história que não se conta*, o professor Lino Castellani Filho fala sobre a formação dos primeiros professores civis no país:

A criação da Escola Militar pela Carta Régia de 04 de dezembro de 1810, com o nome de Academia Real Militar, dois anos após a chegada da família real ao Brasil; a introdução da Ginástica Alemã, no ano de 1860, através da nomeação do alferes do Estado Maior de segunda classe, Pedro Guilhermino Meyer, alemão, para a função de contra-mestre de ginástica da Escola Militar; a fundação, pela missão militar francesa, no ano de 1907, daquilo que foi o embrião da Escola de Educação Física da Força Policial de São Paulo – o mais antigo estabelecimento de todo país; a portaria do Ministério da Guerra, de 10 de janeiro de 1922, criando o Centro Militar de Educação Física, cujo objetivo enunciado em seu artigo primeiro era o de dirigir, coordenar e difundir o novo método de Educação Física e suas aplicações desportivas – [...] somados a muitos outros fatos, como por exemplo a marcante presença dos militares na formação dos primeiros professores civis de Educação Física, em nosso meio, validam a referida afirmação. (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 34)

A educação corporal disseminada por esses primeiros professores civis era feita à luz dos conceitos da medicina social e dos padrões da educação militar, e ambos pregavam a assepsia social nacional. Nessa concepção de educação do corpo, esses conceitos eram difundidos entre as famílias como orientadores para a formação de indivíduos saudáveis, fortes e dinâmicos, qualidades indispensável ao desenvolvimento da nação.

Em anexo encontram-se as imagens 11 e 12 identificando qual era a relação entre a educação corporal e a influencia militar nas escolas de ensino básico do país, essas fotos foram retiradas de aulas de educação física na escola Dom Pedro II, instituição criada no Rio de Janeiro no século XIX, considerada referencia em relação a qualidade de ensino na

antiga Capital Federal do Brasil.

Segundo Baldino (1991), essa experiência de desenvolvimento educacional refletida no ensino superior, também influenciou a formação dos cursos de professores e monitores de Educação Física construída em algumas capitais brasileiras no início do século XX. E essas concepções foram difundidas por dois tipos de discursos: um institucional e outro crítico.

Tal fenômeno tem sido, até agora, explicado de um lado, mediante o discurso institucional do progresso, da interiorização da ciência e da cultura, da fixação da juventude em sua terra de origem; de outro, mediante o que se convencionou chamar criticamente de expansão desordenada. Este entendimento supõe que os projetos governamentais decorrem de estudos preliminares com autonomia e liberdade de definirem suas ações orientadoras. É como se o planejamento fosse orientado por uma certa racionalidade. (BALDINO, 1991, p. 24)

Diante dessa racionalização institucional, é importante ressaltar que apesar de o ensino superior brasileiro ter sido criado no país em 1550, ele segue no que diz respeito a legislação, apenas em 1931, com a promulgação do decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, assinado por Francisco Campos, na época o Ministro da Educação. O documento versava sobre as seguintes organizações do ensino superior brasileiro:

Art. 1º o ensino universitário tem como finalidade; -elevar o nível de cultural geral;

Estimular a investigação científica em qualquer domínio dos conhecimentos humanos;

Habilitar o exercício de atividades que requerem preparo técnico e científico superior;

Concorrer, enfim, pela educação do indivíduo e da coletividade pela harmonia de objetivos entre professores e estudantes e pelo aproveitamento de todas as atividades universitárias, para a grandeza da nação e para o aperfeiçoamento da humanidade.

Nesse contexto nacional, Fernando de Azevedo e outros educadores de diferentes áreas reorganizam os ensinos primário, normal e profissional do Distrito Federal, através de Reforma Educacional, estabelecendo dentre outras medidas, a obrigatoriedade de Educação Física para todos os alunos. Os educadores que promoveram essas mudanças foram

movidos pela necessidade de reformular algo que consideravam atrasados e anacrônicos. Baseados em conceitos críticos e criativos, os professores perceberam que o acesso à educação deveria ser um direito básico do indivíduo. Por isso, defendiam a necessidade de estender o acesso à escola a toda a população, pensando esta como uma instituição gratuita, laica e como um dever do Estado. O ponto relevante dessa reflexão foi a percepção do valor que a educação e também a Educação Física tinha para concretizar as possíveis mudanças, tais como, tirar

o Brasil do atraso cultural em que permanecia. Portanto a educação corporal apresentava-se, como uma possibilidade de atuar sobre o corpo, porém visando educar não só o corpo, mas também a sensibilidade, e a forma de perceber e agir sobre a realidade. E nessa Reforma prescrevia no artigo 613, que

Nenhum prédio escolar será construído sem que compreenda pátio de recreio e de exercícios físicos, pavilhões cobertos para ginástica, de 12 metros por 24, no mínimo, uma piscina ou banheiro e oficinas de pequenas indústrias. (MARINHO, 1980, p. 173)

Essa reforma desenhava o futuro para a Educação Física no Brasil, e abriu espaço para as mulheres, que deveriam participar de todas as atividades, ressaltando-se suas condições peculiares.

A imagem onze também demonstra uma apresentação de ginástica infantil na escola, nessa foto Educação Física já está influenciada pelas reformas educacionais que dentre outras idéias, acreditavam que as aulas poderiam ser ministradas conjuntamente entre meninas e meninos, sem perdas morais e físicas. As Aulas de Educação Física nessa perspectiva tinham como função principal preparar os alunos para servir a pátria, por isso a estrutura rígida disciplinar, e o conceito de retidão era aplicado desde as primeiras experiências escolares, aprimorando o vigor físico dos alunos para essa possível tarefa. Outra característica importante para essa análise é a padronização representada pelos uniformes dos alunos.

Após muitos conflitos, na década de 1930 durante o governo do presidente Washington Luís a Educação Física se torna obrigatória no ensino, mas agora de forma metódica, em todos os níveis, desde a escola primária. O método escolhido foi o Método de ensino denominado Francês⁷ que vigorou no Brasil de 1931 a 1944, como programa oficial

⁷ Segundo Soares (2001) a ginástica francesa surge na primeira metade do século XIX,

de ensino da Educação Física. Em especificidade, seus objetivos era o de

Proporcionar aos alunos o desenvolvimento harmonioso do corpo e do espírito, corrente assim para formar o homem em ação, física e moralmente sadio, alegre e resoluto, cômico de seu valor e de suas responsabilidades. (MARINHO, 1980, p.174)

Portanto a imagem demonstrada destaca a forma de praticar a ginástica europeia nas escolas brasileiras espalhadas nos Estados do Brasil, a postura, a ordem e o uniforme traduz o conceito pré-estabelecido. Assim a ginástica criada por Amórós traz consigo imagens, conceitos de outros tempos. Nos interditos de seu método, é versada uma retórica da negação do circo, dos artistas de feira, das representações de rua, do corpo como espetáculo. Por esse motivo Soares (2005), diz ser adequado compreender ginástica metódica busca a afirmação de novos códigos, sentidos e significados, de novos modos de ser e de viver.

Imagem 12



Imagem 12 - Fonte: ginástica feminina –

<http://img26.photobucket.com/albums/v78/janela/imagens/proverbios/> / Acesso 26/05/07

baseada na ginástica sueca, foi fundada por D. Francisco de Amoros y Ondeaño (1770-1848) e a sua prática teria como objetivo, assegurar o mais perfeito desenvolvimento do indivíduo e em facultar-lhe o melhor rendimento e equilíbrio das grandes funções: deve, também e principalmente, ensinar a disciplinar os movimentos e a contrair hábitos musculares que melhor se adaptem às aplicações úteis da vida.

Esta imagem apresenta uma aula de ginástica feminina ao ar livre, vestidas com saia e blusas de manga comprida, as alunas fazem movimentos suaves e sincronizados com arcos que visam prepará-las para a função primordial de sua educação - a guarda da família. Assim, as alunas eram preparadas para ser as mães da pátria. Para isso, o corpo feminino precisava estar em condições adequadas para a gestação. Os movimentos da ginástica feminina buscavam o fortalecimento da região lombar e pélvica, com flexões com ou sem aparelhos.

Imagem 13



Fonte: ginástica feminina – <http://img26.photobucket.com/albums/v78/janela/imagens/proverbios/> / Acesso 26/05/07

Esta imagem traz uma apresentação de ginástica alemã em escola confessional para meninas e nela se vê na parte superior da foto uma paisagem natural com árvores e cercas de madeiras, demonstrando o contraste entre o moderno representado pela ginástica e atrasado representado pelo rural.